

**três mestras negras:
pretagogia, conceitos operatórios e experiências no quilombo**

**three black masters:
pretagogy, operational concepts and quilombo experiences**

Sandra Haydée Petit

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - Ceará

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2601-3534>

Cláudia de Oliveira da Silva

Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - Ceará

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0490-5651>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14218160>

Resumo: Nesse artigo pretendemos mostrar algumas das nossas numerosas inspirações teóricas negras femininas que muito têm nos ajudado a compreender que as Pedagogias afrorreferenciadas e particularmente a Pretagogia, fortemente embasadas nas cosmopercepções africanas, precisam, não somente trabalhar conteúdos e autorias relativas às culturas e histórias africanas e afrodiáspóricas, e sim também gerar novas posturas, atitudes e práticas afrocomunitárias. Tais posturas e práticas perpassam pelo que a Pretagogia denomina de conceitos operatórios: Ancestralidade, Pertencimento, Espiritualidade e Transversalidade. Viemos aqui prestigiar as importantíssimas elaborações teórico práticas de três grandes Mestras das tradições afroancestrais. Uma africana, na pessoa de *Sobonfu Somé de Burkina Fasso* na Costa Oeste africana, com seus trabalhos sobre Comunidade e Espírito na compreensão de mundo *Dagara*, a maravilhosa Professora *Egbome Vanda Machado* que criou a epistemologia afro-brasileira *Irê Ayó*, cujo livro com esse nome apresentamos aqui, e a saudosa Professora *Azoilda Loretto da Trindade* com suas contribuições para os valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. A segunda parte do artigo traz exemplos de experiências curriculares em andamento no Ceará onde trabalhamos com os conceitos operatórios que se inspiram no legado africano e que dialogam com as três estudosas mulheres negras citadas que consideramos ativistas dedicadas a divulgarem esse legado afroancestral. As experiências pretagógicas com crianças com déficit de leitura e escritas, e outras com professoras/es de quilombo demonstram a importância de desenvolvermos práticas curriculares a partir de uma concepção mais espiritualizada das relações entre nós e todos os demais seres, ancestrais vivos e mortos, no sentido do acolhimento, afeto e cuidado.

Palavras-chave: (1) Mestras negras; (2) Pretagogia; (3) Conceitos operatórios; (4) Experiências curriculares; (5) Quilombo

Abstract: In this article we intend to show some of our numerous black female theoretical inspirations, that have greatly helped us to understand that Afro-referenced Pedagogies and particularly Pretagogy, strongly based on African cosmoperceptions, need, not only to work on content and authorship related to African and Afro-diasporic cultures and histories, but also to generate new Afro-community attitudes, behaviors and practices. Such postures and practices permeate what Pretagogy calls operative concepts: Ancestry, Sense of Belonging, Spirituality and Transversality. We want to honor the very important theoretical and practical elaborations of three great Masters of Afroancestral traditions. An African, in the person of *Sobonfu Somé* from *Burkina Faso* on the African West Coast, with her works on Community and Spirit in understanding the Dagara world, the wonderful Professor *Egbome Vanda Machado*, who created the Afro-Brazilian epistemology *Irê Ayó*, whose homonymous book we picture here, and the late Professor *Azoilda Loretto da Trindade* with her contributions to Afro-Brazilian civilizational values in Early Childhood Education. The second part of the article brings examples of ongoing curricular experiences in Ceará, where we work with operational concepts that are inspired by the African legacy and that dialogue with the three black women scholars, who we consider to be activists dedicated to disseminating this Afro-ancestral legacy. The pretagogical experiences with children with reading and writing difficulties and others with quilombo teachers demonstrate the importance of developing curricular practices based on a more spiritualized conception of the relationships between us and all other beings, living and dead ancestors, in the sense of welcoming, affection and care.

Keywords: (1) Black Masters; (2) Pretagogia; (3) Operational concepts; (4) Curricular experiences; (5) Quilombo.

Iniciando a travessia

Ao resolvermos participarmos desse honrável dossiê quisemos, *Cláudia de Oliveira* e *Sandra Petit*, apresentar os conceitos operatórios da Pretagogia, como prolongamento do que estávamos fazendo nos primeiros trabalhos a ela dedicados. Desde o início, esses conceitos tiveram como base as cosmopercepções africanas. Tais conceitos não foram apresentados de modo agrupado, e com tal nomenclatura, nas primeiras edições do livro *Pretagogia* da Professora Sandra (2015 e 2019), mas estão em processo de sistematização em artigos desde 2018, e constam de vários trabalhos acadêmicos orientados por ela.

A novidade nesse artigo seria contextualizar o porquê desses conceitos. Mais do que isso, queríamos mostrar algumas das nossas inspirações teóricas, sobretudo as femininas com tendência afrocomunitárias. Nesse momento, refletimos quais, dentre tantas inspirações maravilhosas da nossa bagagem de africanidades, iríamos trazer, que não utilizam a expressão conceitos operatórios, mas que nos fornecem meios de reflexão que possam guiar nossas práticas.

Escolhemos então *Sobonfu Somé*, como sábia representativa do continente mãe, mais especificamente da Costa Oeste africana, pelas contribuições importantes em detalhar o senso afrocomunitário, construído em uma aldeia que cultiva os valores da tradição africana no seu dia a dia.

A Professora *Egbome Vanda Machado* não poderia faltar pelo destacado e belíssimo trabalho precursor em uma realidade mais próxima da nossa, no Brasil, e em contexto de Escola Municipal, praticando a epistemologia afro-brasileira do *Caminho da Alegria*, que é o significado do *Projeto Irê Ayó*. Outro motivo fundamental, é ela ter nos agraciado com um inesquecível módulo sobre valores de terreiro, por ocasião do curso de especialização de formação de professores(as) de quilombo, que colaborou muito para nosso processo “iniciático” de experimentação e criação da Pretagogia, enquanto abordagem pedagógica afrorreferenciada.

No módulo que ela ministrou, foi plantada uma semente importante de compreensão de como valores ético-filosóficos africanos podem perpassar concretamente a Educação brasileira na atualidade, prestigiá-la nos aquece o coração.

— *Modupé!*

Trouxemos também à memória a saudosa Professora *Azoilda Loretto da Trindade*, pelas contribuições dela para a Educação Infantil afro-brasileira, que deve muito ao seu esforço de levar essa modalidade da Educação para o Programa oficial do *Ministério da Educação*, que foi a *Cor da Cultura*, reivindicando o lugar da Educação Infantil afro-brasileira na política pública. Assim, amparadas por três grandes mestras, sentimos a

necessidade de também apresentarmos como a Pretagogia se move, inspiradas por tais filosofias, com alguns exemplos concretos de trabalhos realizados por *Cláudia de Oliveira*.

Que a travessia lhes seja grata!

Três intelectuais negras

Apresentamos três pensadoras que, cada uma ao seu modo, tem sido ativista na busca de divulgar e aproximar mais pessoas para as cosmopercepções africanas, no/do continente mãe e sobretudo no continente amefricano, que o Brasil habita: *Sobonfu Somé*, *Vanda Machado* e *Azoilda Loretto da Trindade*.

As três são inspirações extremamente fecundas para a Pretagogia que apresentaremos depois, tendo nos ajudado a elaborarmos seus conceitos operatórios, ao fornecer subsídios importantes para a compreensão dos valores ético-filosóficos que herdamos da *Ancestralidade* africana.

Concepções espirituais africanas segundo Sobonfu Somé

Iniciamos com uma mulher do continente mãe. Pelas palavras da grande sábia *Sobonfu Somé*, da etnia *Dagara* do país *Burkina Fasso* localizado na Costa Oeste africana, temos que a nossa *Ancestralidade* Africana nos direciona para duas dimensões de destaque que são:

Comunidade e *Espírito*. Ela ilustra isso perfeitamente no livro *Acolhendo o Espírito - ensinamentos ancestrais africanos na celebração dos recém-nascidos e da comunidade* (2023) ao abordar o cuidado com que se tratam as crianças na comunidade *Dagara*, tema que nos interessa já que vamos exemplificar mais adiante como a Pretagogia incentiva relações sensíveis com crianças, pessoas formadoras e público em geral.

Para *Sobonfu* (SOMÉ 2023) não se pode ter *Comunidade* sem a participação do que ela chama de *Espírito*, o que, traduzindo para nossos hábitos, seria mais próximo do termo *Espiritualidade* visto ela enfatizar mais a dimensão imanente da ética da presença do sagrado em tudo, do que propriamente um ente religioso. Dessa forma, o que nos inspira particularmente nas palavras de *Sobonfu* em termos de espiritualidade e independentemente de religião de pertença, é como os *Dagara* concebem a relação com todos os seres, vivos e não-vivos, entre nós humanos e com seres não humanos também.

O *Espírito* é uma força vital que está em tudo. *Sobonfu* não separa a pessoa do *Espírito* e menos ainda da comunidade:

Espírito está fortemente entrelaçado com a comunidade, sendo impossível separar um do outro. A presença do Espírito na

comunidade possibilita nos mantermos em equilíbrio (SOMÉ 2023: 24-25).

Quem não tem uma comunidade não é ouvido, não pode se sentir pertencente e nem expressar seus dons. A Comunidade é como uma roda convidativa, da qual ninguém é expulsa e sim integrado e cuidado. Na comunidade cabe todo o mundo, como é o caso no planeta terra que integra toda a sorte de gente:

Podemos aprender muito com a forma que a Mãe Terra sustenta todos nós, os criminosos, os santos, os fracos, os ricos e os pobres, sem nos rejeitar e sempre nos dando a oportunidade de começar de novo (SOMÉ 2023: 24-25).

Assim a comunidade serve ao indivíduo e vice-versa: “O propósito da comunidade é formar um grupo de pessoas com objetivos comuns e cientes de seus próprios dons, de si mesma, de sua natureza” (SOMÉ 2023: 24-25). Quando há conflito entre indivíduos na comunidade Dagara, as pessoas se reúnem na busca de encontrar saídas juntas, mas sem punir, se, no entanto, for insuficiente, os/as ancestrais são invocados(as) mediante ritual para indicar o caminho. O conflito é considerado

... uma dádiva oportuna enviada pelo Espírito para eliminar os obstáculos em sua vida (...). A forma como lidamos com o conflito corresponde ao nosso estado de maturidade e como nos encontramos enquanto indivíduos e comunidade” (SOMÉ 2023: 27).

Assim o conflito se torna um balizador da maturidade da comunidade e sua capacidade de lidar com dilemas.

A comunidade tem também o papel de fornecer um senso de pertencimento construtivo pois ninguém quer ficar de fora da comunidade, todas as pessoas precisam nutrir pertencimento e serem acolhidas para não adoecer ou se sentirem rechaçadas:

Nós queremos pertencer a algo maior do que nós. Queremos nos sentir pessoas amadas, úteis, valorizadas e respeitadas, e muitas vezes as crianças se voltam para vários grupos ao seu redor em busca de um senso de comunidade - um senso de pertencimento (SOMÉ 2023: 81).

Sobonfu Somé considera que na sociedade ocidental americana, aonde ela morou por muitos anos, nem sempre a criança encontra esse pertencimento, o que pode levá-la a escolhas decepcionantes e contraindicadas. Para ela: “O papel da comunidade é colocar cada indivíduo no centro das atenções e oferecer um senso de lar, um senso de

pertencimento” (SOMÉ 2023). Isso supõe saber acolher os dons e contribuições de cada pessoa, sendo tais oferendas e dádivas a base da prática de cooperação:

O conceito de comunidade baseia-se no fato de que cada pessoa tem um valor inestimável e é realmente insubstituível. Cada pessoa possui sua contribuição para acrescentar, uma cooperação a ser feita (SOMÉ 2023: 28).

É importante não somente ofertar, é preciso também aceitar e saber receber:

A comunidade também é como uma feira onde as pessoas sabem que podem oferecer seus dons e que eles serão recebidos por pessoas que precisam deles e os apreciam, por outro lado, onde também receberão os talentos e dons de outras pessoas (SOMÉ 2023: 24-29).

No caso do trato às crianças, o papel da comunidade é de sempre lembrar seu propósito ancestral comunicado antes mesmo delas nascerem, o que garante seu senso de pertencimento:

As crianças na nossa aldeia conhecem sua identidade e seu propósito de vida antes do nascimento. Ao longo da vida das crianças, a comunidade continua a reforçar a sua identidade, o que as ajuda tremendamente a saberem quem são e a recordarem o seu propósito (SOMÉ 2023: 79).

A *intergeracionalidade* é importante para esse aporte, sendo necessário juntar as duas pontas, crianças e pessoas idosas, ou simplesmente garantir o diálogo entre diferentes faixas etárias:

Isso é muito importante para a comunidade, pois um bom relacionamento com seus idosos e crianças é fundamental. A relação entre as gerações é tão sólida que as crianças podem andar livremente pela cidade sabendo que são cuidadas, que sempre haverá alguém para ouvi-las (SOMÉ 2023: 33-4).

Até os cinco anos, as crianças são consideradas espíritos, com dons especiais provenientes da Ancestralidade, por isso são exaltadas e dadas a devida atenção e cuidado:

entende-se que as crianças detêm os saberes e dons que garantem a sobrevivência da aldeia e do povoado. Em essência, a criança reina na aldeia. Quando uma criança caminha no meio da multidão,

todas as atenções se voltam para ela como se aplaudissem uma chegada muito esperada (SOMÉ 2023: 78).

As crianças são tratadas como curandeiras naturais pela sua força espiritual: *“As crianças são as doadoras de vida, as curandeiras, as mensageiras dos ancestrais. Elas trazem o Espírito da comunidade - elas trazem o Espírito de volta para casa” (SOMÉ 2023: 78).*

Conclui-se que para florescer o pertencimento, é necessário semear acolhimento e afeto, particularmente em direção às crianças, nossas doadoras espirituais e de cura. Ora, sermos adultos/as capazes de manter um equilíbrio saudável implica *“nos sentir pessoas amadas, úteis, valorizadas e respeitadas” (SOMÉ 2023: 80-81).*

As crianças bem tratadas podem desenvolver plenamente seu papel de mensageiras e guias espirituais. Para isso acontecer elas *“são abraçadas, celebradas e amparadas, pois sem ela haveria um vazio no coração de todas as pessoas da aldeia” (SOMÉ 2023: 78).* Daí a comunidade se esforça para criar um ambiente de segurança e confiança *“onde aconteça o que acontecer, elas podem contar conosco. Elas precisam saber que são guardadas com muito carinho em nossos corações” (SOMÉ 2023: 84).*

(Re)encantando o mundo no Projeto Irê Ayó com Egbome Vanda Machado

No seu livro sobre o *Projeto Irê Ayó*, que nos mostra os fundamentos da pedagogia realizada na *Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos*, situada no espaço do terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá* em Salvador, *Egbome Vanda Machado* narra episódios de pesquisa-intervenção, por ocasião do seu doutorado, cuja proposta se funda na *“aprendizagem significativa centrada na educação como política para o desenvolvimento da pessoa plantada na cultura do lugar” (MACHADO 2019).*

Essa pedagogia se baseia no entrelaçamento da tradição africana, cultura dos mitos/*itans* e meio ambiente. Esse cruzamento fomenta estratégias pedagógicas que propiciam *“o sentido da cooperação e solidariedade” (MACHADO 2019: 22)*. A criança estudante é considerada um sujeito que participa da construção do conhecimento, contribuindo com seus saberes prévios. *Vanda Machado* enfatiza que se deve suscitar e aproveitar ao máximo o que chama de *“motivação preexistente”* da criança. Para tanto, é importante conhecer e partir da cultura local, no caso aqui, afrobrasileira pois essa *“representa, simultaneamente, parte do conteúdo e da motivação para a aprendizagem” (MACHADO 2019: 122).* Assim toda a forma de ensino nesse projeto estimula que as crianças tragam seus referenciais de casa, os elementos do seu ambiente vivencial.

Para entender essa proposta que tem como base os valores de terreiro, é importante se atentar para as cosmo percepções africanas que atravessam essa pedagogia. Vejamos alguns que ela aborda nesse estudo:

- Transversalidade do conhecimento e das aprendizagens:

O terreiro é um lugar dialógico, condição que legitima ações e interconexões com a história, a educação, o direito, as ciências, a ética e a tradição, que não se confunde com os fundamentos ou os segredos da religião (MACHADO 2019: 29).

Em consequência, o educar e aprender envolvem todas as dimensões do viver humano em total integração (MACHADO 2019: 33). Do ponto de vista da forma de constituir o currículo, se trabalha então uma íntima relação entre as áreas do conhecimento, sobretudo no caso de dispor da área externa do terreiro, se atravessa conhecimento factual/cognitivo e intuitivo/emocional, mas também as diversas áreas de conhecimento passam a dialogar, sobretudo as dimensões de cultura, ciências naturais, a educação física e a matemática.

- Corpo físico atravessado de espiritualidade “*seja qual for a religião consciente*” (MACHADO 2019: 33) que professa.
- Cosmos como sendo sagrado e organizador da natureza, também sagrada: “*a vida natural não se separa do sagrado e dos seus valores que demandam a ideia da força cósmica organizadora da natureza e suas manifestações*” (MACHADO 2019: 34).
- Educação do tipo iniciática, exigindo uma intergeracionalidade e também uma compreensão e valoração profunda da experiência: “*No espaço considerado sagrado, princípios da religião e da cultura são transmitidos de geração em geração*” (MACHADO 2019: 40).
- Sentido de comunidade que é de família estendida que extrapola a concepção biológica consanguínea. Essa dimensão de relação simbólica de parentesco se fortaleceu na diáspora brasileira pelo fato das nossas/os ancestrais terem sido reunidas/os forçosamente, sendo misturadas pessoas de diferentes etnias de origem, fazendo com que o terreiro represente também a unificação de diferentes povos e regiões da África;
- Importância do nutrir e cuidar da natureza, garantindo santuários naturais para as práticas ritualísticas de conexão e de cura pois as águas e as plantas são indispensáveis guardiões dos seres vivos, por isso se faz necessária “*a organização de uma área relativamente grande, com muitas plantações, que se dá o nome de roça ou terreiro*” (MACHADO 2019). Espaços maiores da natureza para além dos limites do terreiro também são investidos para o culto à ancestralidade:

“Rituais são realizados nos rios, odô; no mar, okum; nas fontes e poços, ibu e nos lagos, ikud” (MACHADO 2019: 45), locais estes consagrados pelas suas propriedades e características de conexão com o mundo espiritual. *Egbome Vanda* afirma que a natureza é nutrida pela própria natureza, portanto deve ser preservada com muita consciência ecológica e pela compreensão que são seres que pertencem ao sagrado que precisamos para a renovação das energias existenciais. *Egbome Vanda* dá grande ênfase à importância da relação concreta com a natureza que é de profundo respeito, daí a necessidade de pedir licença pelas interferências humanas:

Pois bem, no terreiro, entende-se que a natureza é nutrida e alimenta pela própria natureza. Portanto dela nada é retirado a não ser o extremamente necessário para a sobrevivência e saúde física e espiritual. Para o povo de orixá, o mato, a pedra, a água, o fogo, tudo tem importância renovadora para a vida dos seres humanos. Daí é que jaqueiras, gameleiras e cajazeiras centenárias fazem parte da paisagem e da vida do terreiro. Um Iroko, ao lado da casa de Xangô, se destaca imponente. É uma espécie de guardião do terreiro e de todos os seres viventes na terra. Jamais será cortado e nem mesmo suas folhas podem ser queimadas. No terreiro, a água é tão importante quanto as folhas. Penso que é por isso mesmo que, à sombra do Iroko, está a respeitada fonte de Oxum, que é considerada um lugar sagrado. É de lá que se retira água para diversas obrigações, entre as quais a cerimônia das Águas de Oxalá (p.46). (...) Não se tira uma folha seca da árvore sem precisão; é o mesmo que matar uma pessoa. Alguém gosta de perder um braço, um olho, um pé? Por que arrancar uma flor e jogar fora? O candomblé é natureza viva; não há culto a orixá mato, sem a terra, rio, vento, mar. Tudo isso tem dono; para se colher plantas, tem hora certa; não é quando a gente quer, mas quando o orixá consente (MACHADO 2019: 57).

- Circularidade sagrada exemplificada pelo *xirê* (Roda sagrada do candomblé), onde se cultiva a senhoria (as mais antigas em idade de iniciação entram primeiro), sendo que a mais antiga de todas salva a porta (“é um gesto ritual quando se toca ao chão em seguida a cabeça, reverenciando os ancestrais”). Depois da integração de filhas e filhos mais jovens no culto, as pessoas da roda pedem a bênção à Mãe de Santo (*Iyalorixá*) e Mãe Pequena (*Iyá Kekèré*, braço direito da Mãe de Santo), para em seguida cantar e dançar com gestos de saudação e simbologias extraídas de mitos fundantes dos respectivos orixás invocados (MACHADO 2019: 48). Assim destacam-se na roda: o reconhecimento da presença e interação com os orixás, a

demonstração de respeito e o agradecimento pela saudação, com cantos, toques, gestos e dança.

- Cultivo da alegria (ou *alacridade* nas palavras de Muniz Sodré 1988). O nome yorubá *Irê Ayó*, do projeto que apresentamos o livro, significa *Caminho da Alegria*. Essa alegria ou energia de júbilo acontece especialmente nos momentos de cantar, tocar e dançar, mas também ao cozinhar e comer juntas/os, pois tudo isso é *Espiritualidade*;

Durante os rituais, a alegria importa para uma resposta positiva aos pedidos feitos aos orixás. Comer, dançar e cantar com o orixá e para o orixá transcende o ato em si. Essa é a forma de demonstrar amor, confiança e respeito às entidades do culto (MACHADO 2019: 52).

- O comer como conagraçamento é no terreiro algo maior do que simples ato de alimentar-se fisiologicamente, é uma troca e renovação de energia:

pode atrair as forças sagradas que estão espalhadas na natureza (...), dá uma nova vida, uma nova força, para quem confia(...) as oferendas em forma de comida consolidam não apenas a relação de compromisso das pessoas com o orixá, mas, principalmente, a participação dessas divindades na sua própria existência (MACHADO 2019: 108-109).

No livro a autora dá vários exemplos de aulas que ocorrem no quintal do terreiro, no qual as crianças são motivadas a observarem diferentes aspectos científicos, remetendo às suas próprias experiências trazidas de casa, e percebendo a interdependência entre corpo humano, corpo da planta, corpo cosmos (movimento da lua, sol, chuva). A observação das plantas permite trazer um mito de *Ossaim*, orixá das plantas, cujo ensinamento é que todos os orixás (e conseqüentemente nós que somos seus filhos ou filhas) temos nossa folha. Mesmo *Ossaim* sendo o especializado em folhas, ele não é o único detentor, porque as folhas, assim como o conhecimento é espalhado entre todos, não é propriedade privada de uma única pessoa.

Esse ensinamento propicia uma compreensão filosófica oriunda da tradição cultural afro-brasileira. A aula no quintal, que ensina Educação Ambiental é também aula de matemática e física, onde se aprende sobre fotossíntese. É de ciência agrária, onde se reconhece por exemplo o inhame e se aprende a plantar. Um ato que ao mesmo tempo aguça a vontade de aprender e “a alegria e importância que as crianças deram ao ato de plantar inhame. Da escola até o quintal, tudo era observado” (MACHADO

2019: 117). Foi também uma oportunidade de compreender : “o que é raiz vai dar raiz, o que é caroço vai dar fruta de caroço. Ou, em outras palavras, plantas diferentes dão produtos diferentes” (MACHADO 2019: 117-118). Já nas danças, as crianças estudantes são levadas a entenderem sobre ordenação e classe, menor, médio e maior.

Princípios da Educação Infantil afroreferenciada para Azoilda Trindade

Nos seus artigos sobre o tema “*Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil*”, Azoilda Loretta da Trindade (2005 e 2010); que foi uma importante precursora da discussão sobre a necessidade de incluir a cultura afro-brasileira no currículo da Educação, particularmente na infantil, nos apresenta os aspectos que considera indispensáveis trabalhar, a saber: o axé como energia vital que está em

tudo que é vivo e que existe, tem axé, tem energia vital :planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação. Imaginem nosso olhar sobre nossas crianças de Educação Infantil forem carregados da certeza de que elas são sagradas, divinas, cheias de vida (TRINDADE 2005: 33).

A *oralidade*, aqui no sentido das formas de expressão não escritas, o que para a Pretagogia seria um elemento de transversalidade; a *circularidade* pois “a roda tem um significado muito grande, é um valor civilizatório afro-brasileiro, pois aponta para o movimento” (TRINDADE 2005: 34); a *corporeidade* porque

com [o corpo] vivemos, existimos, somos no mundo [e com ele temos] possibilidades de construções, produções de saberes e conhecimentos coletivizados, compartilhados” [mas também porque] o corpo chama para o cuidado Cuidar do corpo, aprender a massageá-lo, tocá-lo, senti-lo e respeitá-lo é um dos nossos desafios (TRINDADE 2005: 34),

e prossegue trazendo: a *musicalidade* porque somos “um povo que não vive sem dançar, sem cantar, sem sorrir... pelo som, pelo batuque, pela música, pela dança” (TRINDADE 2005: 34); a *ludicidade*, pela “alegria, o gosto pelo riso, pela diversão, a celebração da vida” (TRINDADE 2005: 34-35); a *cooperatividade*, pois a cultura negra é “do plural, do coletivo (...) não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade de cooperação, de compartilhar, de se ocupar com o outro” (TRINDADE 2005: 35).

Em artigo posterior Azoilda Trindade cita outros valores importantes:

Se estamos em constante devir, vir a ser, é fundamental a preservação da MEMÓRIA e o respeito a quem veio antes, a quem

sobreviveu. É importante o respeito à ANCESTRALIDADE, também presente no mundo de territórios diversos (TERRITORIALIDADE), Territórios sagrados (RELIGIOSIDADE) porque lugares de memória, memória ancestral, memórias a serem preservadas como relíquias, memórias comuns, coletivas, tecidas e compartilhadas por processos de cooperação... (TRINDADE 2010: 14).

Podemos sintetizar os princípios ético-pedagógicos destacados das obras de cada uma destas mestras.

Da Mestre Sobonfu Somé:

- cultivar comunidade e espiritualidade no sentido ético mais amplo da palavra;
- integrar a todos/as;
- favorecer o desenvolvimento de seus dons e propósitos compartilhando com a comunidade;
- promover o senso de pertencimento através da afetividade e do respeito, mostrando que ninguém é dispensável, em especial as crianças que precisam se sentir abraçadas por toda a comunidade, sendo cuidadas dessa forma por múltiplas figuras de mãe e pai;
- encorajar a intergeracionalidade, sobretudo entre crianças e idosas/os, e
- considerar as crianças como espíritos, tratando-as como curandeiras naturais e mensageiras ancestrais com toda a comunidade dando atenção a elas.

Da Professora Egbome Vanda Machado:

- entrelaçar tradição africana, ensinamentos dos mitos e meio ambiente;
- promover cooperação e solidariedade;
- partir dos saberes prévios das crianças, estimulando a “*motivação preexistente*”;
- inspirar-se nos valores de terreiro;
- transversalizar o conhecimento e as aprendizagens das ciências e matérias;
- considerar o viver humano de forma integrada;
- considerar o corpo físico atravessado de espiritualidade; conceber o cosmos e natureza como sagrados;
- favorecer uma educação iniciática com valorização da experiência e da senioridade;
- ensinar que a comunidade é família estendida para além do consanguíneo, favorecendo a união dos diferentes parentescos simbólicos;
- nutrir e cuidar da natureza como santuários;

- reverenciar a roda, reverenciar os ancestrais e as pessoas mais experientes;
- aprender a saudar e agradecer;
- ter a alegria como fundamento para o aprender, e
- comer com sentido de conagração.

Da Professora *Azoílda Trindade*:

- considerar tudo no mundo perpassado por axé, energia vital;
- promover as diversas expressões da oralidade;
- ensinar o valor da circularidade mediante a roda;
- construir saber mediante a corporeidade;
- conhecer a ancestralidade através das/dos antepassados;
- promover a musicalidade do canto, dança e batuque;
- celebrar a vida pela ludicidade;
- favorecer a cooperatividade;
- conectar-se à memória coletiva, e
- conectar-se a territorialidade, descobrindo os territórios sagrados.

Breve apresentação da Pretagogia e seus conceitos operatórios

A Pretagogia é um referencial teórico-metodológico que parte das filosofias e tradições africanas, que deixaram grandes legados em todas as áreas de conhecimentos da diáspora negra, violentamente desterrada para as Américas, particularmente no Brasil o país com o maior contingente de população negra nesse continente e possuindo o segundo maior número de habitantes negros numa nação.

A Pretagogia é o resultado de mais de vinte anos de trabalhos de formação, pesquisa e estudo realizados pelo NACE – *Núcleo das Africanidades Cearenses* – mas que veio a ser criada com tal configuração e nome a partir da realização de um curso de especialização para formação de professoras/es de quilombo ocorrido entre 2010 e 2011 em dois quilombos das serras da região dos *Inhamuns* no Ceará (*Minador* e *Bom Sucesso*). Esse curso foi um espaço extremamente favorável para a prática e sistematização dos resultados das formações que vínhamos realizando em ERER (Educação das Relações Étnico-raciais) na Academia, Secretarias, escolas e movimentos, pois éramos livres e tínhamos o privilégio de um tempo longo de formação, algo que até hoje é raro, visto existirem poucos cursos afroreferenciados no país. Sobretudo tivemos a participação de pessoas das comunidades quilombolas, de profissionais já ilustres como *Vanda Machado*, *Heloisa Pires*, *Eduardo Oliveira* e a colaboração importante do estudioso *Henrique Cunha Jr*, como um dos idealizadores e ministrantes do curso, fomos muito bem acompanhadas.

A Pretagogia possui nove princípios que são:

1) o autorreconhecimento afrodescendente; 2) a tradição oral africana; 3) a apropriação dos valores das culturas de matriz africana; 4) a circularidade; 5) a religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos; 6) o reconhecimento da sacralidade; 7) o corpo como produtor espiritual, produtor de saberes; 8) a noção de território como espaço-tempo socialmente construído; 9) o reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro (PETIT 2016).

A Pretagogia não foi a primeira, e nem é a única abordagem, que busca contribuir para o *empretecimento* do currículo, fortalecendo a Lei nº 10.639 que, desde 2003, exige a obrigatoriedade de conteúdos relativos à História, Cultura e Ciência Africanas e Afrobrasileira nas escolas do Brasil. Nossa abordagem se insere no movimento mais amplo de pedagogias afrorreferenciadas.

Uma das experiências educacionais ainda no período da ditadura buscando esse afrorreferenciamento foi a experiência da educação pluricultural africano-brasileira da *Mini Comunidade Oba Biyi* de Marco Aurélio Luz e Deoscóredes Santos (Mestre Didi 2007, com esse título) no período de 1976 a 1986, projeto piloto instalado para abrigar as crianças da comunidade do terreiro *Ilê Axé Opô Afonjá*, liderado por *Mãe Stella de Oxóssi*. Posteriormente, nesse mesmo terreiro, a Professora *Vanda Machado* inicia com *Carlos Petrovich* uma pesquisa participante em 1986, que se prolonga no projeto político-pedagógico *Irê Ayó* na instituição *Eugênia Anna dos Santos*, que a transformará em Escola Municipal de referência do *Ministério da Educação* e terá influência nos debates que levarão ao advento da Lei nº 10.639 em 2003.

Lembremos também os movimentos de *Educação Popular Afrobrasileira* em finais dos anos 1990 e início dos anos 2000 no Paraná, envolvendo professoras/es como *Jerusa Romão* e *Ivan Costa Lima* (1999; 2002). Mais tarde tivemos ainda as importantíssimas contribuições de *Azoilda Loretto da Trindade*, com os *valores civilizatórios africanos na educação infantil* (2010) que foi uma das protagonistas da implementação do Programa Federal *A Cor da Cultura*.

Essas, e outras pessoas, nos influenciam diretamente desde o início da Pretagogia, quer sejam: *Hampâté Bâ* (1982), *Kabengelê Munanga* (2009), *Muniz Sodré* (1988; 2012), *Henrique Cunha Jr* (2007; 2023), *Nei Lopes* (2004; 2006), *Eduardo Oliveira* (2006; 2007), *Norval Cruz* (2011), *Piedade L. Videira* (2010), *Ivan Lima* (2009), *Narcimária Petrônio Luz* (1998), *Isaac Bernat* (2013), *Vanda Machado* (particularmente 2017 e 2019), *Maria Zubaran & Petronilha B. G. e Silva* (2012), *Petronilha B.G. e Silva* na coordenação da relatoria do

documento das Diretrizes EREER de 2004, Heloisa Pires (vários como 1998, 2005, 2009, 2019) e Kiusam de Oliveira (vários como 2009, 2014 e 2023), com suas literaturas negras infanto-juvenis, também a sábia africana *Sobonfu Somé* (2003 e 2023).

Apesar de relativamente jovem, a Pretagogia já possui um acervo significativo de pesquisas acadêmicas, citemos algumas produções autorais publicadas em livros: os livros respectivos das cofundadoras Sandra Haydée Petit (2015), Geranilde Costa e Silva (2019) e Rebeca A. S. Meijer (2019), esses dois últimos resultados de suas teses de doutorado, defendidas respectivamente em 2013 e 2012. Houve três dissertações de mestrado da UFC publicadas: Maria Eliene Magalhães da Silva (2020), Wagner Maycron Ventura (2021) e Cláudia de Oliveira da Silva (2023), que defenderam seus mestrados entre 2016 e 2020. Complementando, em formato livro temos a coletânea *Memórias de Baobá II* de 2015, que possui dois capítulos de pesquisas pretagógicas, o “Pretagogia, pertencimento afro e marcadores das africanidades: entre corpos e árvores afroancestrais” de Kellynia Farias e Sandra Petit, e o texto “Produção textual sobre relações étnico-raciais: o olhar das crianças de uma escola pública de Fortaleza (CE)”, de Geranilde Costa e Silva. Vale também citar outros trabalhos acadêmicos pretagógicos constando no repositório da Faculdade de Educação da UFC como, por exemplo: Maria Inez de Lima Almeida (2010), Maria Kellynia Farias Alves (2015), Rafael Ferreira (2015), Alessandra Sávia da Costa Masullo (2015), Sávia Augusta Oliveira Régis (2017), Samuel Morais Silva (2018), Gerson Carlos Matias de Sousa (2018), Esther Costa Mendonça (2020), Cristiane de Oliveira Félix (2021), dentre outros tantos trabalhos, inclusive artigos publicados pelas pessoas mencionadas.

Em toda a nossa prática pretagógica nos fundamentamos em cosmopercepções africanas que têm o corpo como fonte de conhecimento. Assim, valorizamos por demais as múltiplas linguagens da oralidade, a corporeidade, a dança e a arte em geral, sem desconsiderar a escrita e a leitura, mas buscando transversalizar as diversas formas de produzir conhecimento. Como Petronilha Silva (2005), consideramos as africanidades as formas de ser, pensar, agir e produzir conhecimento que originaram na África e que cultivamos hoje nas Américas, tanto entre negras/os como entre pessoas não negras/os.

A maioria dos nossos trabalhos começa por exercícios que suscitam a identificação de elementos que nos conectam vivencialmente com elementos ético-estéticos-culturais da negritude, independentemente do grau de melanina das pessoas em formação, pois no Brasil pessoas não negras também convivem, e muito, com a cultura e legado africano, frequentemente sem se aperceber disso. Na maioria das vezes, começamos nossas formações mostrando como esses símbolos ou artefatos se encontram nas nossas vidas, mas que o imaginário colonial escravagista tem tentado apagar sistematicamente, tornando-os não identificáveis. Chamamos esses

elementos que expressam a presença das culturas africanas no Brasil e diáspora negra em geral, de *marcadores das africanidades*.

Trabalhamos também muito com a musicalidade, notadamente através do dispositivo *Minha Música, Meu Pertencimento*, onde trazemos nosso pertencimento afro mediante a escolha de uma ou mais música(s) negra(s) que nos é/são significativa(s), fornecendo informações acerca da música e explicitando o porquê da escolha de sua significância na nossa vida.

Ao longo desses anos de formação em Pretagogia, desenvolvemos a compreensão que somente o conhecimento cognitivo dos fatos não é suficiente para a Educação Afrorreferenciada, há a necessidade de interligar com os valores ancestrais que guiam as cosmo percepções africanas, o que tem gerado uma ênfase também em dimensões afrocomunitárias e conviviais implícitas às filosofias africanas tradicionais. A título de exemplo da importância dos valores comunitários e de convivência, vale trazer aqui a consideração do *griot* do oeste africano *Sotigui Kouyaté*, sobre qual a pior coisa que pode afetar o ser humano:

Os ancestrais queriam saber qual era a pior coisa que poderia acontecer ao ser humano. E eles disseram rapidamente: a doença. Bom, eles tinham razão, quando estamos doentes não podemos fazer nada. Mas depois chegaram à conclusão que não era a doença, mas a morte. Depois eles disseram, bem não é a morte, porque a ressurreição existe. Então continuaram a procurar e finalmente disseram: é a ignorância, então todos concordaram. Mas agora eles precisavam descobrir quem seria o mais ignorante de todos, eles chegaram à conclusão de que o mais ignorante de todos é aquele que não vai ao encontro do outro (Provérbio citado pelo Griot Sotigui Kouyaté).

E por concordarmos que na vida o mais importante é saber ir ao encontro do Outro e da Outra, criando um senso profundo de comunidade (SOMÉ 2023; MACHADO 2017 e 2019), é que a Pretagogia tem como guias quatro conceitos operatórios que frequentemente se mesclam, a saber:

- Ancestralidade;
- Pertencimento;
- Espiritualidade, e
- Transversalidade.

Esses conceitos se desdobram cada um em diferentes aspectos operacionais como pode ser apreendido no quadro abaixo:

**CONCEITOS
OPERATÓRIOS**

DIMENSÕES OPERACIONAIS

<p>ANCESTRALIDADE</p> <p>PROCESSOS INICIÁTICOS</p>	<p>- Linhagem(ns): biológica(s) com agregados/as, e seres sob diversas formas (tanto do mundo material como não material, da galáxia, natureza, mundo mineral); símbolos de sacralidade; linhagens simbólicas como as linhagens de ofícios, do terreiro, da capoeira, as relações de compadrio, as pessoas referências da comunidade ou da família que praticam éticas e estéticas ancestrais; – a temporalidade circular com suas simbologias/rituais de conexão; – as formas de educação iniciática; – as manifestações do Corpo Memória.</p>
<p>PERTENCIMENTO</p>	<p>- Vivências – interação – empatia – informações (aspecto fatural do conhecimento) - práticas de conexão - práticas corporais, práticas artístico-culturais; autobiografia (narrativas de enraizamento); cultivo da autoimagem, biografia comunitária, o conhecimento da simbologia do nome, ou apelido, o cultivo do senso de destino/propósito – o levantamento de objetos símbolos de mim/</p>
<p>ESPIRITUALIDADE</p>	<p>- Relação com o cosmos (entendendo que somos cosmo) – /troca/cosmoconexão/entendendo o tudo em tudo, o todos em todos/ o valor profundo da roda (onde todas/os cabemos) /incorporação de seres/energias e elementos/importância da natureza/senso de comunidade cósmica</p> <p>- Sacralidade do Corpo, do Movimento (Movimentações das energias sacralizadas/ancestrais/magia/mandinga</p> <p>- Falas da Oralidade (todas as formas de comunicação do corpo, inclusive semióticas, também o silêncio)</p> <p>- Respeito (Honrar a si, às outras/aos outros, às energias, aos ensinamentos, Senhoridade, Senso de Responsabilidade/Compromisso - sobretudo perante a comunidade;</p> <p>- Hospitalidade/receptividade/integração do outro e da outra como renovação/ressignificação//valorização da</p>

TRANSVERSALIDADE

interação/intergeracionalidade/afetividade/convivência/proximidade

- **Oferenda**: o aceitar/aprender a dar e também receber como agradecimento/dádiva/potência/reenergização/solidariedades/senso de coletividade/retroalimentação-
- **Corpo-Dança Afroancestral** (Dança como comunicação com o Divino/o movimento essência/movimento dádiva/agradecimento/movimento energia vital)
- **Cuidado** (consigo e com o outro e a outra/afetividade/sensibilidade/práticas de cura)

- Perpassa várias áreas de conhecimento sem fragmentação, **fluído**

- Admite e promove **diversidade de linguagens/tecnologias**: do corpo, da literatura oral, das oralidades em geral, pode dialogar com o virtual e o eletrônico, mas não isola essas dimensões das éticas e estéticas afroancestrais
- **Constrói** o conhecimento de modo mais circular do que linear, com muitas aberturas e possibilidades de compreensão
- **Transita** nas coisas da vida, como na expressão “capoeira na roda, capoeira na vida” (com gingas, esquivas, singularidade, astúcia e agilidade, enfrentando e admitindo o amigável, o conflituoso, a imprevisibilidade, sempre na conversa com os seres e os elementos)
- Realiza **alacridade**: investindo com intensidade no fomento da potência da alegria, da festa, do júbilo, levando a sério a alegria, com dedicação, força vital, ludicidade.

Pretagogia e afroletramento para alunas e alunos com déficit em leitura e escrita

O contexto dessa experiência se dá na *Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Crisóstomo Basílio*, localizada na comunidade rural *Camará/Caucaia/CE*. Nessa comunidade estamos desenvolvendo desde fevereiro de 2024 o projeto “*Afroletramento: conceitos operatórios da Pretagogia na trilha do bem viver*”, que atende uma vez por semana seis

crianças pretas e pardas entre 12 e 16 anos que ainda não tinham conseguido decodificar letras, palavras e frases na dita “idade certa”.

Isso nos levou a estabelecer alguns objetivos, a saber:

- Realizar o afroletramento do grupo, o que para nós significa promover o contato com materiais textuais afroreferenciados ou indígenas que a escola não tem disponibilizado. Nesse sentido trabalhar com autores como Antônio Bispo, Gilberto Gil e Ailton Krenak, como veremos mais adiante;
- Desmistificar esse apoio junto à comunidade escolar, desconstruindo a ideia convencional de reforço escolar e sim favorecer uma série de ações pedagógicas de afroletramento para o desenvolvimento dos(as) educandos(as) no sentido amplo de emancipação humana;
- Tornar esses adolescentes confiantes nas suas capacidades de aprender e superar os obstáculos e desmotivações que encontraram na sua trajetória e que as tornaram desacreditadas, tanto pelas famílias como pela escola, porque ainda não tinham desenvolvido o processo de leitura-escrita no período estipulado em lei, ou seja até o 3º ano do Ensino Fundamental, até os 9 anos de idade. Daí a proposta pedagógica em desenvolvimento preza por ações que geram significância e motivação, que levam a mudanças de atitudes, desconstruindo ideias enquadradas e cultivando sementes de possibilidades, suscitando o direito efetivo de aprender. No processo de diagnóstico, identificamos alguns fatores que podem ter contribuído para a não-aquisição da leitura e escrita ainda na etapa dos anos iniciais, tais como: timidez, por não se sentirem amadas/os, devido ao déficit de leitura; mentes aceleradas das crianças, falta de confiança por parte de professores(as) ou familiares, tarefas cansativas, entre outros;
- Pensar formas de apresentar, desenvolver e avaliar as atividades integrando conteúdos e estratégias pedagógicas (conforme conceito de transversalidade) fugindo dos “famosos” reforços escolares que pretendem resolver tarefas que geralmente sugerem respostas pré-estabelecidas, ultrapassando o conteudismo e reducionismo, desenvolvendo atividades interdisciplinares, enfatizando a leitura e escrita, mas dialogando com as mais diversas áreas do conhecimento;
- Valorizar as vozes dos(as) educandos(as), mostrando para os(as) participantes e as famílias que oportunizamos ao grupo pensar, refletir, interagir, sugerir, avaliar e conseqüentemente apreender informações e conhecimentos para a vida, como prática de desenvolvimento, enfrentando o estranhamento de pais e alunas/os no início;
- Incluir a alimentação coletiva na busca de propiciar o conagraçamento e o fortalecimento dos vínculos entre o grupo, o que contempla

aspectos do conceito operatório espiritualidade, na dimensão de “hospitalidade/receptividade/integração do outro e da outra, convivência/proximidade”. Nesse sentido, organizar, por exemplo, os alimentos sobre uma toalha de retalhos, onde todos(as) sentam-se para compartilhar as comidas entre nós e pessoas convidadas da própria escola, como é o caso do porteiro que sempre é lembrado, em agradecimento pela forma respeitosa e responsável com que nos recebe todos os dias no portão da escola;

- Fortalecer a autonomia do(a) educando(a) como princípio, em seu papel ativo na produção de conhecimentos;
- Incentivar, na perspectiva pedagógica, o processo de produção de conhecimento mediante trabalhos em equipe para despertar o senso de coletividade e cooperação, tão presente nas africanidades e que também faz parte do conceito operatório de espiritualidade, e
- Sempre relacionar as ações, tanto aos conhecimentos escolares, como ao dia a dia deles/as, de modo que percebam que os saberes trazidos por eles(as) têm muita valia para nossas aulas.

Suportes textuais do afroletramento realizado

Realizamos as práticas de leitura e escrita, fundamentadas em textos específicos afro ou indígenas como, por exemplo: *Caminhos para a Cultura do Bem Viver* - Krenak (2020); *As panquecas da Mama Panya* - Chamberlin (2005); *O Pequeno Príncipe Preto* — França (2020); *Pertencimento: uma cultura do lugar* - bell hooks (2022), *A terra dá a terra quer* — Bispo (2023), entre outras obras, que possibilitam um diálogo mais amplo entre os conhecimentos produzidos na escola e os saberes concebidos nas vivências comunitárias.

A obra *Caminhos para a Cultura do Bem Viver*, Krenak (2020), proporcionou uma visão necessária sobre as relações do ser humano com a Mãe Terra, levando os(as) educandos(as) a perceberem quando o homem/sistema explora a natureza desordenadamente em prol do capital. Krenak explica a diferença entre bem-estar e bem viver numa visão cosmo indígena. “O bem-estar é apoiado em uma ideia de que a natureza está aqui para nós a consumirmos. Para o bem-estar humano, a gente pode consumir a Terra” (Krenak, 2022, p. 13). Já o bem viver é quando “nós não somos alguém que age de fora. Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do Planeta Terra. Não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar equalizado com o corpo da Terra” (Krenak, 2022, p. 13-14).

As temáticas sobre a preservação ambiental são sempre muito esperadas pelos(as) estudantes, por proporcionarem diálogos os quais eles(as) têm familiaridade na comunidade, como a concepção do ser Krenak, que traz para nós a compreensão de como se relacionar com o planeta em uma cultura do bem viver.

O ser Krenak é uma constituição de pessoa muito formada por um sentimento coletivo. O ser Krenak não consegue se constituir sozinho. Para além da experiência de responsabilidade social, responsabilidade com o outro, que é o que constitui cidadania, a experiência de ser para nós implica uma filiação com diferentes potências da vida aqui na Terra (Krenak, 2022, p. 25).

Esse pensamento tem nos guiado nas ações pedagógicas, associado aos conceitos pretagógicos para que os(as) educandos(as) continuem crescendo intelectualmente, criticamente e humanamente. Consideramos muito importante o diálogo com referências indígenas, porque é necessário tecer ideias, conhecimentos e práticas que se antecedem ou se aproximam dos princípios pretagógicos para ampliar as percepções de uma educação que preza pela vida em sua integralidade. O ser Krenak, assim como as percepções afroreferenciadas e pretagógicas, reflete sobre a importância de nos sentirmos conectados com todos os seres vivos e não-vivos que existem no planeta, considerando-nos também como parte de um grande organismo onde todos(as) estão interligados e interdependentes na dança da vida como defendem também Adilbênia Machado e Sandra Petit “*não existe centralidade do ser humano e sim interconexão com a natureza e todo o cosmos*”. (Machado; Petit, 2020, p. 26).

Bispo (2023) também chama atenção para essa conexão e nos convida a pensar sobre o pertencimento como uma postura ética de relação com o território e tudo que nele existe. “*E quando digo da relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas*” (Bispo, 2023, p. 22). Assim, Bispo reforça a ideia de que quando nos desconectamos do nosso território, estamos nos afastando de nós mesmos(as), pois somos parte da própria natureza.

Esse conceito de saber viver, apresentado aqui pelas filosofias pretagógicas, do ser Krenak e do pertencimento defendido por Bispo, nos move para um conhecimento integrado, a partir de saberes ancestrais, presentes no cotidiano dos(as) educandos(as), que proporcionarão solidez na aprendizagem, interligando-nos uns aos outros(as). Assim, também pensamos em uma aprendizagem significativa, que extrapola a aula expositiva e promove aprendizado em todos os momentos vivenciados.

Estratégias pretagógicas motivadoras

Criamos uma estratégia pretagógica que batizamos de *Leitura PIPOCA* que, além de ser uma sigla (acrônimo) que traz o passo-a-passo da atividade, remete à dimensão lúdica da aprendizagem afroreferenciada (*Quem não gosta de pipoca? Risos*), que faz as crianças se alegrarem

aprendendo, conforme o conceito operatório de transversalidade (no sentido de transitar entre sentimentos, emoções e cognições).

A sigla significa:

P-erceber
I-nteragir
P-erguntar
O-rganizar
C-ompartilhar
A-prender.

É uma prática desenvolvida em seis momentos que se intercomunicam, possibilitando a participação de todos(as) de acordo com seus conhecimentos.

- No primeiro momento, os(as) educandos(as) são conduzidos(as) a perceber com os olhos, com o coração, com a imaginação, com o corpo, o que há na escrita: tipos de letras, tipos de textos, imagens, cores, algo que esteja em destaque, etc.;
- O segundo momento é a interação com o texto, onde o(a) leitor(a) irá destacar as palavras ou frases que conseguem ler, trazer seus conhecimentos prévios e suas sensações sobre as descobertas iniciais da leitura;
- O terceiro momento diz respeito, às indagações sobre o texto: o que o texto irá tratar? O que irei aprender com essa leitura? Ou qualquer pergunta que queiram desvendar no decorrer da leitura;
- O quarto momento se refere a organizar as ideias. É o momento de fazermos a leitura oral, em voz alta;
- O quinto momento é o compartilhamento das impressões e conclusões sobre as indagações anteriores, dessa vez, constatadas pela leitura, e por último,
- O sexto momento é a aprendizagem, que promove a ampliação do repertório de conhecimentos sobre o que está sendo estudado.

Essa prática fez sucesso, pois levou os(as) educandos(as) a terem mais segurança na participação ativa e principalmente, saber sobre o que os textos estão tratando, pois não é somente uma leitura superficial, mas o aprofundamento de conhecimentos reais que englobam e valorizam os saberes prévios de cada participante, além da valorização da aprendizagem coletiva como um princípio de cuidar das pessoas para que os resultados venham gradativamente e continuamente.

Em uma das atividades que utilizamos o livro *Caminhos para a Cultura do Bem Viver*, de Ailton Krenak (2020), ele nos apresentou uma profunda

reflexão sobre a importância de preservar os bens naturais do planeta, de modo a proteger a própria vida humana e compreender a relação harmônica entre todas as espécies. Além do mais, para motivar os(as) educandos(as) com a esperança de aprender, a história do autor¹, com seu ativismo social em defesa da Mãe Terra e por ter se alfabetizado aos 18 anos de idade, como citado na obra, foi relevante para eles(as), no sentido que também podem se alfabetizar, mesmo fora dos limites etários estabelecidos socialmente.

Para compreender o planeta e os seres nele existente, é fundamental que conheçamos a nós mesmos(as). Essa prática foi possível por meio da *árvore dos afrossaberes*, onde dialogaram com suas próprias memórias e histórias de vida para a produção coletiva desse dispositivo pedagógico que proporcionou timidamente vozes representativas de seus sentimentos e conceitos sobre sua história.

A *árvore dos afrossaberes* proporcionou a identificação de alguns afrossaberes, como as avós negras, rezadeiras, costumes/valores da comunidade, ou outras pessoas referência em sua vida. Com essa atividade, eles(as) puderam falar sobre algo que os representou naquele momento. A comida sempre vem em primeiro lugar para eles(as), por isso, foi bem representada, o que relacionamos ao marcador “sabores da minha infância, pratos, modos de comer e o valor da comida” (Alves; Petit, 2015, p. 139).

Para conseguir melhores êxitos, pois como já foi citado anteriormente, eram pessoas de mentes agitadas, realizamos uma experiência meditativa com práticas de respiração consciente, meditação do *Eu Sou* e massagem nas mãos com óleos essenciais para o relaxamento e desbloqueio de energias, onde o medo e a insegurança deram lugar à confiança, ao empoderamento de si e a fluidez de ideias. Aqui encontramos inicialmente certa resistência e falta de confiança para fecharem os olhos, até que, em dado momento, todos(as) se deixaram levar pelo som da minha voz que expressava leveza, confiança em si e afirmações de empoderamento, embalados pela frequência sonora de 432Hz, indicada para foco nos estudos, desbloqueios emocionais e expansão da consciência. Essa atividade de tocar-lhes as mãos, sentirem as fragrâncias essenciais, se deixarem levar pela frequência sonora de desbloqueio da mente, virou rotina em todos os nossos encontros.

A música *Refloresta* de Gilberto Gil apresenta a necessidade do reflorestamento como ação urgente de preservação do planeta, incitando o combate ao desmatamento, como cita sua letra:

¹ **Ailton Krenak** foi alfabetizado aos 18 anos, organizou a *Aliança dos Povos da Floresta*, com comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia, e contribuiu também para a criação da *União das Nações Indígenas* (Krenak, 2020, p. 32).

Manter em pé o que resta não basta/ Que alguém virá derrubar o que resta/ O jeito é convencer quem devasta/ A respeitar a floresta (Gil, 2020).

A partir da letra dessa música, refletimos o que há de preservação e destruição natural na comunidade ou adjacência. Os resultados foram surpreendentes, pois os(as) educandos(as) relacionaram os conhecimentos do livro e da música às ações de seu cotidiano e percepções do contexto da sua comunidade. Apresentaram como exemplo a exploração dos recursos naturais nas adjacências da comunidade, como o caso de uma pedreira que está destruindo parte da serra e uma escavação em terreno para retirada de barro, provavelmente para usos industriais, mas citaram também lugares preservados na comunidade, como cachoeira, riachos, matas e árvores antigas.

Resultados do projeto de afroletramento

A partir desse momento, todos(as) começaram a se expressar com mais segurança e menos timidez, dizendo o que pensam, o que fazem e o que sentem. Infelizmente muitos depoimentos traziam os processos de rejeição que sofreram na escola, então, continuamos com outras práticas motivadoras lembrando sempre o quanto elas e eles são importantes e que têm valor para a Professora que os acompanha.

Inevitavelmente, construímos pontes, laços afetivos e relação de respeito, consideração, cooperação e amor. Essa experiência tem sido uma das melhores na nossa carreira profissional, porque transforma também nossas concepções de professora que vão se ampliando para o que realmente é importante na vida. Eles(as) nos ensinam muito!

O projeto segue seu curso porque os(as) educandos(as) não querem parar, mas em meados do semestre eles(as) perguntaram:

— *Tia, você é mesmo professora?* Respondemos que sim. Eles(as) justificaram:

— *Estamos querendo saber se você é professora daquelas que dão aula escrevendo na lousa.* Quando respondemos que sim, eles(as) indagaram:

— *E quando é que você vai dar aula para nós?* Explicamos que a nossa aula compreende tudo que vivenciamos, desde o momento que nos encontramos, nos abraçamos, comemos juntos(as), meditamos, lemos e escrevemos palavras ou produzimos cartazes, fazem parte do nosso processo de aprendizagem, que vai para além de fazer tarefas no caderno, não tem como não se emocionar!

Na perspectiva pedagógica, as interações são a chave para o desenvolvimento social, afetivo e, sobretudo, cognitivo. Trabalhamos juntos(as), compartilhando diálogos, interações e informações, considerando os saberes e fazeres da comunidade no processo de aprendizagem. Nas diversas experiências pedagógicas que tivemos até aqui, fomos desbloqueando gradativamente a participação ativa, no sentido da autonomia para falarem suas impressões sobre as temáticas estudadas, sempre trazendo relações com seu território, e essa prática tem ajudado no despertar de uma aprendizagem significativa.

As falas são bem marcantes, porque percebemos o grau de aprendizado que eles(as) têm desenvolvido quando expressam seus depoimentos sobre diversos assuntos que cruzam as temáticas em destaque, por exemplo:

- *Tia, eu sou um menino de terreiro!*
- *As professoras não gostam de mim porque eu não sei ler!*
- *Um dia, quando eu ia para casa, com um menino preto, ele estava com uma blusa preta e uma menina falou que ele estava sem blusa.*
- *Eu gosto da meditação, porque me deixa calmo e eu aprendo mais.*
- *Minha avó é mulher preta e rezadeira.*

Esses e muitos outros comentários mostram que eles(as) têm consciência crítica sobre o racismo, alguns aspectos das africanidades e estão desbloqueando os entraves que os(as) impediam de expandir suas aprendizagens na escola. Ter oportunidade para falar o que pensam, sentem e desejam é fundamental para a construção de uma educação antirracista, humanizada e para a vida.

Até a presente data, já realizamos muitas ações pedagógicas que contribuíram com o aprendizado dos(as) educandos(as). Porém, para este recorte apresentamos apenas uma atividade realizada com base no conceito operatório pertencimento, com o objetivo de propor reflexões relacionadas às experiências de vida dos(as) educandos(as), a partir do conceito de um ser planetário, ampliando a teoria pedagógica para o lugar social dos(as) participantes.

Trazendo o sentido do comer como conagraçamento no quilombo

Uma outra experiência que queremos destacar aqui, faz parte da pesquisa de doutorado de *Cláudia Oliveira da Silva*, em andamento na *Escola de Ensino Médio Luzia Maria da Conceição*, localizada no quilombo *Três Irmãos em Croatá da Serra/CE*.

A experiência aqui descrita é um recorte de um dos encontros formativos realizados em abril de 2023, quando trabalhamos com professores(as), gestores(as) e comunidade a partir dos conceitos

operatórios ancestralidade e pertencimento, mas que terminou adentrando também o conceito operatório espiritualidade. Essa atividade teve como objetivo geral, compreender a importância de conhecer-se a partir de suas raízes ancestrais, valorizando-se enquanto pessoa humana que traz consigo marcas de histórias de vida dos(as) antepassados(as).

Iniciamos a partir da auto apresentação de modo a familiarizar as pessoas à importância de não esquecer quem são, em virtude de seus valores ancestrais e suas vivências comunitárias. Essa vivência proporcionou refletir em qual lugar de prioridade cada um(a) se coloca, levando a pensar em si mesmo como o(a) primeiro(a) a ser cuidado(a), não caracterizando o egocentrismo, mas reconhecendo o ser sagrado e espiritual que habita o planeta e que amar-se é, amar o cosmos e tudo que nele existe.

O ambiente foi logo preparado com elementos e alimentos para serem apreciados e degustados, a partir dessas vivências, complementadas pela leitura do conto queniano, *As Panquecas de Mama Panya*, Chamberlin (2005). Essa narrativa se passa no Quênia (país africano), onde *Mama Panya* e seu filho *Adika* vão ao mercado comprar farinha para fazer panquecas. Porém, *Mama* possui apenas duas moedas, que não dão para comprar uma grande quantidade de farinha. No entanto, *Adika* convida alegremente todos(as) os(as) amigos(as) que encontra pelo caminho para comer panquecas em sua casa. Apesar de temer que as panquecas não sejam suficientes, *Mama* não repreende *Adika* e prepara as panquecas com toda a farinha que comprou.

Quando os(as) convidados(as) chegam, cada um(a) vem trazendo um pouco de alimento (peixe, banana, leite, cardamomo, etc.) para incrementar a refeição, demonstrando solidariedade e espírito comunitário. Além da comida compartilhada também tocaram *Mbira*, dançaram e cantaram embaixo de um baobá.

O conto nos oportunizou caminharmos também pelo conceito de pertencimento, “no caso aqui, afro, que engloba tanto as dimensões de parentesco como a ancestralidade propriamente cultural e a sua autoafirmação” (Petit, 2015, p. 135). Também experienciamos o conceito da espiritualidade, mais especificamente na dimensão de oferenda, pois a “atitude de aceitar, aprender a dar e também receber como agradecimento, dádiva, potência, reenergização, solidariedades, senso de coletividade e retroalimentação” (reveja o quadro de conceitos operatórios) está muito presente na narrativa. “É uma atitude e postura a ser vivida, sentida e repassada” como afirmam Adilbênia Machado e Sandra Petit (2020). Esses conceitos permitiram muitas reflexões a respeito do aspecto de comunitarismo, cooperação, conagração, costumes e valores ancestrais.

Essa vivência possibilitou aos participantes compreenderem e refletirem sobre as ações coletivas que acontecem no território quilombola. Citaram por exemplo: o jejum na Semana Santa, onde todas as famílias

compartilham seus alimentos umas com as outras ou as safras agrícolas que são sempre divididas entre os(as) moradores(as), como forma de agradecer à prosperidade; além de reconhecer que essas ações são marcas afroancestrais, preservadas na comunidade.

O coletivo foi instigado a mapear seus marcadores das africanidades de modo individual, mas relacionando às memórias coletivas para em seguida produzirem a árvore dos afrossaberes comunitária. Aqui é importante que todos(as) se engajem, pois é o momento de descolonizar as mentes cristalizadas pelo eurocentrismo, pois a própria pessoa “garimpa” suas experiências afrorreferenciadas ao longo de sua vida para ajudar-lhe a construir outros olhares sobre África e sua influência em nossa vida.

Para ampliar os conhecimentos também foram apresentados dois vídeos, *Comida que alimenta*² e *Alimentação escolar para povos e comunidades tradicionais*³. Esses curtas-metragens possibilitaram um diálogo coerente sobre currículo de escola quilombola, a partir dos valores percebido em todas as discussões realizadas, configurando um currículo completo, desde o acolhimento humanizado e ético, alimentação que respeita a cultura alimentar de cada povo, os saberes transmitidos por gerações e as impressões afrorreferenciadas nas vivências, costumes e tradições quilombolas.

Conclusão

O projeto afroletramento chegou para os(as) educandos(as) no momento em que estavam precisando de um apoio pedagógico extra para desenvolverem a leitura, escrita e criticidade. Além do mais, a escuta valorativa, o incentivo à autonomia, a valorização de cada pessoa e os trabalhos em equipes levaram a desbloqueios mentais de forma gradativa e contínua.

Hoje, todos(as) já leem pequenos textos e quando rememoramos o início do ano letivo (2024), é muito gratificante vê-los(as) envolvidos(as) em seus próprios avanços, mesmo não tendo o apoio das instituições (escola e família), pois estas ainda agem de modo desacreditado.

Os(as) educandos(as) estão encontrando forças no amor do nosso grupo para não potencializar palavras, olhares e gestos pouco esperançosos! Essa é uma conquista especialmente de cada um(a), que abriu seu coração para aprender, mesmo diante dos desafios que ainda temos que superar gradativamente.

A Pretagogia tem esse papel de valorizar diálogos interativos, vozes silenciadas, experiências de vida e esses aspectos presentes em uma

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z6xAkNPV3QI&t=2s>

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Ra-8IEvjqY&t=3s>

pedagogia, tende a fortalecer o pertencimento, a visão sobre espiritualidade e fomentar o crescimento intelectual, humano e crítico. A leitura PIPOCA foi um achado fundamental, já que não dispomos de receitas prontas, nem métodos acabados em si. Proporcionar outro modo de leitura, mais interativo, que se utiliza de diversos sentidos, até mesmo os pouco explorados nas salas de aula. Normalmente usamos a visão e audição, mas utilizar-se de outros sentidos capazes de aguçar a percepção, o equilíbrio e as sensações impactou diretamente os(as) participantes, pois já estão condicionados(as) a darem respostas pré-estabelecidas, dentro de um contexto escolar padronizado.

Já no quilombo as ações pedagógicas à luz da Pretagogia dão conta desses aspectos, pois é necessário que cada professor(a)/educador(a) vivencie a busca de suas próprias africanidades, em uma viagem interior em busca de marcadores e afrossaberes que potencialize o reconhecimento das suas heranças afrorreferenciadas.

Em suma, é de uma Educação do sensível que precisamos que nos conecte de forma espiritual entre nós humanos e também junto a todos os demais seres do planeta e ancestrais, quer sejam vivos ou mortos. Muitos desafios a realizarmos na escola e universidade que temos hoje no Brasil, onde até então pouco se considera a dimensão do afeto, do coletivo e do compartilhamento com todos os seres.

As três Mestras que trouxemos nesse artigo como inspirações para a Pretagogia convergem na necessidade de assumirmos posturas mais espiritualizadas, no sentido ético-estético da palavra, para além de professar uma determinada religião.

A Pretagogia tem dado cada vez mais atenção ao fortalecimento desses valores das cosmopercepções africanas, nem sempre de forma tão completa e profunda quanto sugerem as Mestras citadas, mas lutando dentro do espaço ainda estreito que a maioria das escolas, Secretarias de Educação e cursos universitários oferecem, temos tido resultados muito significativos que nos mantêm animadas e esperançosas de um dia mudarmos essa sociedade tão preconceituosa e egocêntrica, para um lugar do bem viver, inspirado por espiritualidades ancestrais mais generosas e afetuosas, onde intuição, cognição, imaginação, criação, sensibilidade, cuidado, corporeidade e carinho possam ir de mãos dadas com a educação escolar.

Acreditamos!

Referências

BISPO dos Santos, Antônio (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo, Ubu Editora/ PISEAGRAMA.

CHAMBERLIN, Mary & CHAMBERLIN, Rich (2005). *As panquecas de Mama Panya*. Primeira edição. Tradução: Cláudia Ribeiro Mesquita. Barefoot Books, Ltd, SM Educação.

FARIAS, Kellynia & PETIT, Sandra (2015). “Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: conexões entre corpos e árvores afroancestrais”. In: ALVES, Maria Kellynia; MACHADO, Adilbênia & PETIT, Sandra (Org.) *Memórias de Baobá II*. Fortaleza, Imprece.

KRENAK, Ailton (2020). *Caminhos para cultura do bem viver*. Org. Bruno Maia. Disponível em: www.culturadobemviver.org

MACHADO, Adilbênia Freire & PETIT, Sandra Haydée (2020). “Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento”. *Revista Exitus*, Santarém/PA, Vol. 10: 01-31.

MACHADO, Vanda (2019). *Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira*. Salvador, EDUFBA.

PETIT, Sandra Haydée (2015). *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral*. Contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza, EdUECE.

SOMÉ, Sobonfu (2023). *Acolhendo o Espírito: ensinamentos ancestrais africanos na celebração dos recém-nascidos e da comunidade*. Diáspora Africana. Editora Filhos da África.

TRINDADE Azoilda Loretto da (2005). “Valores afro-brasileiros na Educação Infantil” In: BRASIL. *Valores afro-brasileiros na Educação*. Boletim 22. Brasília, TVESCOLA/MEC, Novembro. Disponível em: <https://culturamess.wordpress.com/wpcontent/uploads/2012/01/valoresafrobrasileiros.pdf>
Acesso em: 10/09/2024.

_____ (2010) “Valores civilizatórios afro-brasileiros e educação infantil: uma contribuição brasileira”. In: BRANDÃO, Ana Paula & TRINDADE Azoilda Loretto da (Orgs). *Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho: 11-15.

Sobre as Autoras

Sandra Haydée Petit, de origem caribenha (mãe cubana e pai haitiano), mãe de Kanyin (quem traz a benção), Doutora em Ciências da Educação pela Paris

VIII, é Professora da Faculdade de Educação da *Universidade Federal do Ceará*, Coordenadora do NACE (*Núcleo das Africanidades Cearenses*). Com trajetória em Sociopoética e Educação Popular, se dedica há 24 anos a ERER (Educação para as Relações Étnico-Raciais), tendo como subáreas de estudo e atuação: Africanidades, Cosmopercepções Africanas, Oralidade Africana, Pedagogias Afrorreferenciadas (*Pretagogia*), Corpo-Dança Afroancestral, Corpo-Memória e Senso Afrocomunitário. Autora do livro *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores* (EDUECE 2015 & NANDYALA 2019) e do infanto-juvenil *A extraordinária história do semeador de baobás*, ilustrado por Maria Kellynia Faria Alves (Expressão Gráfica 2017). Dança, corre, cultua Oxum (águas doces), Oxoguiã e seu Inhame, adora cozinhar, ama a vida e ama as pessoas que também amam, as crianças, o mar e a lua. Agradece a Ancestralidade pelas citadas dádivas.

Cláudia de Oliveira da Silva, mais conhecida como *Cláudia Quilombola*. Mulher nascida no chão do *Quilombo da Serra do Juá*, mãe, pedagoga, artesã, ativista social e terapeuta holística em desenvolvimento. Mestre e doutoranda em Educação pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC). Especialista em Formação de Professores de Quilombo (UFC) e em Antropologia pela *Faculdade Futura*. Sou professora efetiva da *Prefeitura Municipal de Caucaia/CE* e membro do *Núcleo das Africanidades Cearenses* (NACE – UFC).